

*O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO
DO IDOSO E AS TERRITORIALIDADES:
ESPAÇO COMO LUGAR?*

Lidiane Mendes Nazareno Duarte¹

resumo

O envelhecimento, num país como o Brasil, mostra grande complexidade, sendo considerado um problema de ordem social. A procura por instituições de longa permanência para idosos (ILPI), diante da perspectiva demográfica e social, está aumentando e representando uma nova alternativa de moradia para o idoso. Este estudo de abordagem qualitativa teve como objetivo compreender o discurso da institucionalização do idoso e a existência de práticas que favorecem o vínculo com o lugar e a rotina de cuidados neste ambiente, propondo efetuar a análise de discursos sobre o idoso e a noção de representação. Trata-se de uma revisão bibliográfica baseada em publicações nacionais selecionadas em periódicos, livros e dissertações indexados na internet, acessados nas bases de dados: Lilacs, Google Acadêmico e Scielo, num recorte temporal de onze anos (1999 a 2010), através das palavras-chave combinadas: idoso, institucionalização, ILPI e discurso sobre o idoso. Conforme

1 Graduada em Psicologia pela UNIVALE. Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: lidiane.nazareno@ig.com.br

os critérios de inclusão, sete publicações foram analisadas através da Análise de Conteúdo (Bardin, 1979) e discutidas em duas categorias: o discurso sobre a opção pela institucionalização e a existência de práticas de discursos sobre o idoso que evidenciam o vínculo institucional. Os dados apontam que os discursos sobre os idosos institucionalizados indicam necessidades de um vínculo com a instituição, porém este ambiente institucional, estruturado por relações de poder pode favorecer a perda de autonomia e identidade e o isolamento. Torna-se necessário, portanto, um esforço político orientado no sentido de colocar na agenda da sociedade as necessidades deste segmento populacional.

palavras-chave

Idoso. Institucionalização. Identidade. Discurso. Análise do Discurso.

1 Introdução

O Brasil, à semelhança de outros países, está vivenciando um processo de envelhecimento rápido e intenso, o que demanda ações integradas para atendimento adequado à realidade vivida por esta população. Este fenômeno tem ocasionado uma inversão da pirâmide etária, atuando no processo de transformação da velhice em um drama social (GOMES; CAMARGO; BORGES, 2008).

Na sociedade contemporânea, é uma característica da família – de base capitalista – conviver com esta longevidade em seu meio, onde o idoso é visto como incapaz e improdutivo, por vezes, descartável. Ele é, então, condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a si. Por meio de um controle, conforma-se com a imagem que a sociedade constrói para ele. No entanto, essa representação pretende universalizar o processo do envelhecimento que, não obstante acontece de forma individual. Ou seja, cada indivíduo envelhece conforme suas próprias características, segundo sua história de vida, suas opções, suas possíveis doenças e de acordo com o contexto social vivido (RODRIGUES; SOARES, 2006).

A consequência desse envelhecimento pode favorecer a demanda pela institucionalização deste atendimento. Porém, na instituição, o idoso terá de

viver dentro de limites e fronteiras, espaços contraditórios com temporalidades e histórias entrecruzadas, onde existem normas não escolhidas pelos residentes; um espaço estruturado por funções coletivas e relações hierarquizadas de poder, numa separação do espaço institucional da vida sociocomunitária e da vida familiar (FALEIROS; MORANO, 2009).

Destaca-se a criação de Instituições de Longa Permanência (ILPI) desde o período colonial (final do século XIX e início do século XX), sendo recente a incorporação dessas práticas na trajetória das políticas públicas sociais brasileiras (FALEIROS; MORANO, 2009).

Ao se falar em instituições para idosos, a primeira palavra que aparece para representá-las é asilo. Um grande contingente de idosos necessita de abrigos por questão de sobrevivência; sabe-se, contudo, que idosos ricos, remediados, ou pobres que se encontram em estado de patologias crônicas ou demência, cujo cuidado ficou impossível em casa, também procuram pela internação asilar. Com vistas a toda essa problemática, alguns autores afirmam que as instituições de longa permanência para idosos (ILPI) não deveriam ser configuradas apenas como instituições que acolhem idosos rejeitados ou abandonados pela família, mas também devem ser lembradas, compreendidas e respeitadas como uma escolha dentro do contexto de vida de cada indivíduo (PAVAN, 2008).

Quando não existiam instituições específicas para idosos, estes eram abrigados em asilos junto a pobres, doentes mentais, crianças abandonadas e desempregados. Em fins do século XIX, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo dava assistência a mendigos e, conforme foi aumentando o número de internações para idosos, passou a se definir como instituição gerontológica em 1964. Então, o modelo asilar brasileiro mantém muitas semelhanças com as chamadas instituições totais, locais de residência e trabalho sob controle de rotina rígida e ultrapassada no que diz respeito à administração de serviços de saúde e/ou habitação para idosos (GOFFMAN, 2005).

Pesquisas sobre este assunto têm crescido em todos os gêneros e áreas. Os determinantes da institucionalização estão sendo conhecidos por essas pesquisas sobre o perfil da ILPI e sobre o perfil desses idosos. Este trabalho objetivou, então, conhecer publicações nacionais com informações sobre idosos residentes em ILPI, de como acontece a decisão pela sua institucionalização e, ainda, os discursos sobre o idoso e a existência de práticas que favorecem o vínculo com o lugar (ILPI).

2 O envelhecimento contemporâneo

O processo de envelhecimento é vitalício, envolve fatores de ordem social, psíquica, cultural e ambiental. Portanto, acontece de modo evolutivo e gradual e é irreversível: ocorre do nascimento até a morte e se prolonga por todas as fases da vida (MAZZA; LEFÉVRE, 2004).

Guedes; Gama e Tiussi (2008) afirmam que idosos na faixa de sessenta anos representam o segmento da população que mais cresce no mundo. O Brasil, entre 1960 e 2025, segundo dados demográficos, passará da 16ª para a 6ª posição mundial em termos de número absoluto de indivíduos com sessenta anos ou mais (GOMES; CAMARGO; BORGES, 2008).

Ao avaliar a noção de envelhecimento, a visão inicial é de um sujeito com deficiências em sua capacidade física, vivenciando um espaço de ociosidade, que não contribui mais para a geração de renda familiar e que necessita de cuidados constantes. Porém, certas alterações nas práticas populacionais, tais como introdução de antibióticos, vacinação, processo de migração de jovens, aumento de separações, atraso da nupcialidade, recasamentos e aumento da escolaridade, estão favorecendo a mudança de valores na sociedade (CAMARANO, 2007).

O envelhecimento na contemporaneidade demonstra ser um fenômeno intrínseco vinculado à particularidade de cada indivíduo. Como consequência, existe a preocupação de repensar a velhice como uma etapa de vida que deve ser valorizada, bem como as práticas e ações necessárias para modificar a visão existente sobre o idoso, favorecendo, portanto, a evolução sobre o conceito do envelhecimento (DUTRA et al., 2009).

É necessário entender que o modo como cada indivíduo atravessa esta etapa de vida será diferenciado a partir do momento em que ele mantiver ou encontrar um grupo e, assim, desenvolver o sentido de pertença (PAULA, 2008).

3 As identidades de idoso, representação e estereótipo

A teoria das representações sociais se apresenta como uma ferramenta desmistificadora da realidade social homogeneizante. No campo das Ciências Sociais, expressam a realidade: explicam-na, justificando ou questionando (MARTINS et al., 2009).

Andrade (2003) afirma que as representações sociais correspondem à própria definição dos objetos sociais e das relações que se estabelecem entre

esta e um determinado grupo de indivíduos através do conteúdo expresso nas informações, imagens, opiniões e atitudes, em função do contexto social e cultural.

A identidade é um tema recorrente que também se aplica ao campo do envelhecimento, em relação às reflexões sobre a velhice e na definição dos contornos identitários que marcam os limites desta categoria populacional. A identidade é um processo ligado à emergência do sujeito e gira em torno da fabricação de sentido (PAULA, 2008).

Para Hall (1997), a identidade do sujeito se constitui no jogo das experiências e das relações sociais. A identidade permite que o indivíduo se perceba como sujeito, tomando posse de sua realidade e, portanto, subjetivando uma consciência de si mesmo.

Segundo Souza (2003), a construção do indivíduo começa e termina nas relações por ele vividas e estas vivências construídas por ele são, portanto, formas de existir, objetivar-se e, ao objetivar-se, subjetivar-se, isto é, construir-se internamente a partir das relações externas que é capaz de entabular. Tanto o reconhecimento da condição de indivíduo, quanto sua exclusão demandam a construção de identidades. Há uma dependência necessária de um em relação ao outro; ao mesmo tempo em que reconhecem um ao outro, também reconhecem, no outro, sua própria negação.

Queiroz (2010) acrescenta que a identidade grupal vai sendo construída em paralelo ao sentimento de pertencimento ao grupo. Daí a importância de se valorizar as relações para a construção de nossa identidade.

Lindern et al. (2010) afirma também que a identidade é construída na integração entre os conceitos e as definições que são representados pelos discursos de uma cultura e o conhecimento que o indivíduo tem de suas potencialidades físicas, de suas idéias, motivos e objetivos, papéis sociais e limitações.

Permanecem, porém, muitos rótulos. Lysardo-Dias (2007), refletindo sobre o modo como a publicidade brasileira mobiliza estereótipos, afirma que, dentro da perspectiva discursiva, a noção de estereótipo foi elaborada por Henry (1975) e desenvolvida por Pêcheux (1975) apud Lysardo-Dias (2007). Associado a pré-construído tem a ver com imagens preconcebidas que se cristalizam no grupo social, interferem na maneira como gerenciam a convivência e funciona como discurso social, renovado, atualizado e solidificado a cada uso.

A concepção de ser idoso pode ser ampliada de uma forma ainda sutil na sociedade contemporânea e, embora já exista uma preocupação em tentar mudar o conceito de “velho e velhice”, sinônimo de fim de vida, prevalece

ainda o estereótipo do abandono e de um ser triste, inútil e incapacitado. Ainda existe um longo caminho a ser percorrido, passando para uma visão onde o idoso possa desempenhar papéis sociais. Esta diferenciada visão do processo de envelhecimento poderá trazer algumas contribuições significativas à melhoria da qualidade de vida do idoso e favorecer a sua mudança de identidade (NERI, 1997).

Esta nova postura social marca o sujeito na criação de uma nova identidade, favorecendo uma nova posição de sujeito a ocupar o indivíduo, e as práticas discursivas retomam as diversas memórias e mobilizam discursos diversos que constroem as diferentes posições para os idosos ocuparem (DEBERT, 1997).

Zaidan (2009) afirma ser importante compreender a construção da identidade do idoso, sobretudo no espaço físico da ILPI, e os processos de identificação pelos quais ele se constitui enquanto sujeito.

Nas ILPI, existe o confronto com o outro, nega-se a condição de igualdade e também o direito à diferença, formando uma espécie de lógica darwiniana que agride a liberdade do Outro, transforma-o em vítima, agindo contra ele através do uso da força ou privando-o de algum bem, seja este a vida, a integridade ou a liberdade de movimento. A sobrevivência do idoso na ILPI está ligada à possibilidade maior ou menor de reconstruir sua individualidade pelo processo de interação, não apenas com os outros internos, mas também com o corpo de funcionários. É uma tentativa de se fazer reconhecido pelo Outro, porque de tal reconhecimento depende sua dignidade. A desconstrução de sua identidade poderá adaptá-lo a sua nova condição de recluso, fazendo com que o mesmo conforme-se com a perda da liberdade e com a restrição do seu círculo de relações (SOUZA, 2003).

4 Espaço e lugar no processo de institucionalização

O idoso terá que reconstituir seus vínculos, quando institucionalizado, e se adaptar a um cotidiano marcado pelo desconhecido e pela imprecisão do lugar. Na ILPI, o idoso passará a desfrutar de um cotidiano, deixando para trás seu estilo de vida (BESSA; SILVA, 2008).

A ILPI é um ambiente de rotinas, um lugar compartilhado sob condições de controle dos cuidados e limitações. Em grande parte das instituições predomina o caráter filantrópico. Podem ser caracterizadas por barreiras em relação ao contato social com o mundo externo e pela mudança das regras sociais pelas regras institucionais (FALEIROS; MORANO, 2009).

Na instituição, o idoso estabelece a perda de seu lugar na sociedade e a tentativa de reconstrução de sua realidade social restrita ao espaço físico. A ILPI traduz dois papéis: o de desconstrutor e o de reconstrução de um novo mundo social para o idoso, restrito em relação à sociedade mais ampla, mas ainda assim suficiente para que ele incorpore alguns papéis e resgate, pelo menos parcialmente, sua condição de ser humano (SOUZA, 2003).

Esta dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar. Este lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando o idoso se reconhece como pertencente à ILPI, enquanto propriedade desta organização, ele define um lugar, representando os sentidos atribuídos ao mesmo e legitimando sua condição de sujeito deste lugar. Os lugares são preenchidos por subjetividades. É nesse sentido que os espaços vão se constituindo lentamente como lugares, possíveis territórios ou territorialidades (CUNHA, 2008).

5 A análise de discurso e o discurso do idoso

O discurso, quando decodificado, esclarece o significado e as relações com outros conjuntos e esferas do social. Permite uma representação da realidade sem, no entanto, retratar a realidade. Ele é socialmente construído, constitui e é constituído pela sociedade, pelas relações sociais e pelos sistemas de conhecimentos e crenças; tem uma relação ativa na sociedade, na formação de instituições, processos sociais e econômicos, padrões de comportamento e sistemas de normas. A análise de discurso procura compreender o objeto e como ele produz sentidos e é investido de significado. Preocupa-se com a maneira como as relações e lutas de poder transformam e moldam as práticas discursivas, visto que o discurso contribui para a reprodução e a transformação social (FAIRCLOUGH, 2001).

O termo discurso, na perspectiva da análise crítica do discurso, é parte irredutível das práticas sociais. Além do discurso, as práticas sociais incluem: ações, sujeitos e relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência e valores. A Teoria Crítica do Discurso (TCD) propõe uma agenda de debate sobre a linguagem textualmente orientada e, nessa perspectiva, ela oferece uma contribuição significativa para a compreensão dos processos sociais relacionados às transformações econômicas e culturais contemporâneas (MAGALHÃES, 2009).

As práticas discursivas trazem as representações de mundo daquele que as exprime, deixam transparecer as cognições e crenças do sujeito que discorre, pois suas idéias a respeito do assunto influenciam, de forma interveniente e camuflada, sua expressão: a escolha dos termos e ênfases, os enunciados, o posicionamento (GALERY, 2008).

Nas práticas sociais, o discurso se apresenta de três formas: como ação, como representação e como identificação. Esses são os principais tipos de sentidos dos textos, correspondendo a gêneros discursivos, discursos e estilos. Os gêneros discursivos são (inter) ações, que se caracterizam como formas textuais e sentidos derivados dos propósitos das situações sociais (MAGALHÃES, 2009).

Visto que a análise do discurso possibilita, através do estudo da linguagem, os entendimentos que permeiam a vida do idoso em questão – plena de experiências e valores –, ela oferece ao pesquisador elementos que permitem o reconhecimento de dados muito importantes no conhecimento da realidade na qual o idoso está inserido (BREDEMEIER; SILVA, 1999).

Zaidan (2009) afirma que é necessário compreender os discursos que circulam na sociedade estabelecendo relações do idoso com suas perspectivas de vida. Assim, ao compreendê-los numa perspectiva discursiva, interessa assinalar, na análise, os sentidos dos lugares nos quais os idosos tornam-se sujeitos do discurso na relação com a estrutura institucional.

A mídia nos anos 80 incorporava o discurso da necessidade de um acompanhamento geriátrico para uma velhice saudável. O discurso fundamentava-se na concepção de que o corpo deveria ser sadio, de que os maiores problemas do envelhecimento se dariam a partir da relação saúde/doença. No entanto, como a velhice estava começando a ser discutida no Brasil neste período, prevaleciam certos mitos que ainda continuavam a ser elencados, como o discurso da menopausa na velhice da mulher e da perda do interesse sexual. Nos anos 90, os discursos ainda eram pautados na necessidade do idoso ser ativo, de se manter em movimento, dentro do ideal do corpo saudável e jovem. Pode-se dizer que se construiu em torno do idoso um discurso de dependência que perdurou durante muito tempo, tentando identificá-lo como um ser contemplativo. Somente em 2001 os discursos se voltam para a autonomia e a cidadania, onde o envelhecimento pode ser analisado através da linguagem produzida, de produtor de sentidos, de pertencimentos culturais, de experiências acumuladas (SCHMITT, 2005).

A metodologia é qualitativa, através de um estudo caracterizado pela pesquisa bibliográfica que consiste em um resumo crítico de pesquisa sobre um tópico de interesse, preparado para colocar um problema de pesquisa em um contexto para justificar uma nova investigação. Teve como fonte de pesquisa a análise de publicações nacionais em periódicos, livros e dissertações indexadas na internet e acessadas nas bases de dados: Lilacs, Google Acadêmico e Scielo. Utilizou-se para a busca nessas bases de dados as seguintes palavras-chave combinadas: idoso, institucionalização, ILPI e discurso sobre o idoso. Por intermédio dessas palavras-chave, buscas sistemáticas subsidiaram a elaboração e a exploração de informações científicas de discursos sobre o idoso residente em ILPI a respeito deste processo de institucionalização e de como o idoso consegue ou não formar um vínculo com este lugar (ILPI), entendendo os sentidos destes discursos e a noção de representação.

Os critérios de inclusão das publicações no presente estudo foram: publicações em português; publicações que avaliaram o processo de institucionalização de idosos e publicações que apresentaram discurso sobre o idoso em ILPI. Sem considerar os critérios de exclusão, encontraram-se inicialmente 119 publicações brasileiras.

Como critérios de exclusão, foram eleitos: estudos não realizados no Brasil, publicações de teses, editoriais e referências que não permitiram acesso gratuito ao texto completo on-line.

Nesta fase, fora realizada leitura exploratória dos títulos e resumos dos estudos, com o reconhecimento do material que atenderia aos critérios de inclusão do estudo. Com base nesses critérios de inclusão e exclusão, sete publicações foram incluídas neste estudo. Para conhecer o processo de institucionalização do idoso, realizou-se um recorte temporal de onze anos (1999 a 2010) das publicações de análise.

Para análise das publicações deste estudo, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1979). Após a leitura do material, foram realizadas categorização e discussão dos dados, em vista dos objetivos propostos no estudo.

7 Resultados e discussão

O presente artigo - de natureza qualitativa -, empregando os critérios de inclusão e exclusão adotados na metodologia, analisou sete publicações nacionais de idosos residentes em ILPI, através de periódicos, livros e dissertações do período de 1999 a 2010. A questão norteadora do estudo foi compreender o discurso de como acontece a decisão pela institucionalização do idoso e a existência de práticas que favorecem o vínculo com o lugar e a rotina de cuidados neste ambiente.

Para a organização das informações contidas nas publicações, foram realizadas leituras flutuantes das mesmas, procurando identificar os objetivos, os resultados e o objeto de estudo, conforme orientações propostas por Minayo (1993) em pesquisas qualitativas.

A análise dos dados deste estudo seguiu a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979), que consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a diversos discursos; uma técnica objetiva e sistemática do conteúdo manifesto nas comunicações, tendo como fim interpretá-las.

Os conteúdos temáticos foram analisados em duas categorias, conforme os objetivos propostos, e a discussão das informações pesquisadas priorizam a captação de elementos discursivos sobre os idosos que vivenciam a institucionalização. A discussão serve de indicação e aponta para duas reflexões.

7.1 Categoria 1: O discurso sobre a opção pela institucionalização

Bessa e Silva (2008) apresentam discursos sobre os motivos da institucionalização em uma ILPI do Sul do país, atrelado a questões de proximidade com a prática em instituições religiosas. Fatores indicativos favorecem a institucionalização, tais como: maneira de evitar a solidão e necessidade de segurança, que está relacionada às mudanças no contexto familiar (separação, diminuição do número de membros nas famílias, morte do cônjuge, extensão da vida de solteiro). Ora esta decisão é tomada de forma independente, ora influenciada por pessoas próximas (familiares e amigos). Motivos relacionados a tratamento de saúde ou perda da autonomia também são indicados neste artigo, diante da realidade encontrada por muitos idosos que não dispõem deste serviço no atendimento público. Os conflitos familiares

também favorecem a institucionalização para os autores. O sentido de família, aqui, está relacionado à proteção, aconchego e segurança; o idoso perde seu espaço de destaque e a instituição passa a assumir a função de acolhimento que era da família.

Mudanças sociais na urbanização e na estrutura familiar, apontadas nas publicações, reforçam certas discussões, como: mudanças no perfil da mulher, diminuição do número de cuidadores e aumento da expectativa de vida; estes fatores favorecem a transferência de cuidados da responsabilidade familiar e estatal à sociedade, ampliando o número de instituições de longa permanência para idosos (DUTRA et al., 2009).

Para Prochnau e Pastório (2007), em seu artigo sobre a autoestima em idosos institucionalizados, os motivos apontados foram: ausência de suporte social, perdas fisiológicas, a vida solitária, a decisão de parentes ou amigos; fatores que favorecem a entrada em uma instituição do sul do Brasil.

Pestana e Espírito Santo (2008), ao abordarem o movimento para a instituição, indicam o discurso da controversa integração, que descarta seus idosos quando não são mais produtivos. A presença do cônjuge é que assegura a permanência do idoso na família e conseqüentemente evita a entrada na instituição. Como fatores que favorecem a institucionalização, informam: condições precárias de saúde, distúrbios de comportamento, reabilitação, falta de recursos financeiros e de espaço físico e o abandono de cuidados pela família. A decisão não é um objetivo do ser humano e existe diferença marcada desta aceitação por parte dos idosos.

Chaimowicz e Greco (1999), analisando sobre a dinâmica da institucionalização de idosos no município de Belo Horizonte, afirmam como fatores de risco que propiciam a decisão pela institucionalização: a vida solitária e a falta de cuidados, suporte social precário, aposentadoria, viuvez, gastos com a saúde e doenças, e a necessidade de reabilitação.

Existe, portanto, uma percepção cheia de estigmas e estereótipos que começa a se transformar no contexto atual da ILPI, mesmo que os fatores indicativos nas publicações traduzam um discurso de exclusão da sociedade por relegarem a outros tarefas de cuidados com seus idosos. É notável e também frequente a presença de idosos que, embora possuam o convívio familiar, preferem viver na instituição pelos mesmos motivos: a falta do cônjuge, a independência dos filhos no papel de cuidadores formais e por maus tratos dos familiares; porém, através de uma decisão mais autônoma e não imposta por outros. Dessa mudança de paradigma a instituição passa a deixar o rótulo de “depósito” para guardar idosos, para transformar-se em um lugar onde o idoso possa viver com dignidade (CAMARANO, 2007).

7.2 Categoria 2: A existência de práticas de discurso sobre o idoso que evidenciam o vínculo institucional

O processo adaptativo para Bessa e Silva (2008) torna-se natural quando o idoso ingressa na instituição por aceitação ou decisão própria, sendo a adaptação ao cotidiano uma reconstrução. O sentir-se produtivo está associado ao envelhecimento ativo e à reorganização do cotidiano, com participação e segurança. As perdas levam o idoso a se adaptar a ILPI no sentido de aceitação dessa condição, um espaço direcionado para ele, porém mais como conformismo, numa dimensão restrita do espaço dedicado para a velhice. Resigna-se, submete-se e isola-se. Por isso, a necessidade de atividades que favoreçam a integração na instituição.

Essas representações de ser cuidado nos discursos sobre os idosos estão alicerçadas no atendimento de suas necessidades humanas básicas, voltadas para a alimentação, higiene e lugar para morar. Um espaço em que o corpo físico possa ter segurança, com respeito, independentemente de sua condição de saúde, ou seja, ser acolhido pela comunidade de pessoas idosas ali residentes, as quais enunciam como sua família institucional (BAUMAN, 2005).

Prochnau e Pastório (2007) apresentam o discurso da insegurança do idoso em se separar dos próximos como um limitador para adaptação à ILPI e de pertencimento ao lugar. Em oposição, internos relatam um discurso da necessidade de integração. O sentimento de pertença, de interação com as outras pessoas e de fazer parte do grupo e em contribuir para com ele indicam a inclusão à ILPI. Na relação dos discursos sobre os idosos há o distanciamento das pessoas com as quais não se tem afinidade de forma a evitar o conflito no lugar. Uma relação ora indicativa de amizade e ora de controle da rotina e do poder da instituição. Porém, a falta do vínculo traduz a negação nos discursos da não integração ao grupo.

Os autores Maia, Castro e Jordão (2010) abordam, a partir da inserção na instituição, a análise crítica acerca do lugar simbólico ocupado pelos idosos na dinâmica do funcionamento institucional. Os discursos sobre os idosos são relacionados às perdas e à ausência do reconhecimento social. Os internos são vistos como conhecidos uns dos outros, mas não pode haver a afeição ou a comunicação mais íntima, devido à proximidade da morte.

Essas representações depreciativas do processo do envelhecimento e do sujeito que envelhece favorecem a formação de uma identidade estigmatizada, definem um lugar social, um espaço de exclusão (RODRIGUES; SOARES 2006).

Miranda et al. (2005) também indica que o espaço institucional pode ser encarado como um lugar compartilhado, comparado ao “paraíso”, ou de “espera da morte”. A distância também é vista como necessária para se viver na ILPI e revela a redução da condição de cidadãos neste espaço, apresentando um discurso dos binômios vida e morte e saúde e doença.

Em Pestana e Espírito Santo (2008) se encontra a diferença nos discursos sobre os idosos a partir do gênero. Indicam que para os homens residentes em ILPI prevalece um discurso de inconformismo crítico, não adaptativo, e de reconhecimento como um lugar não desejável, mas sem qualquer alternativa. Mas, para as mulheres, prevalece um discurso de conformismo, pela necessidade de manter os cuidados, um lugar definitivo, necessário e adaptável. Para ambos os gêneros, o espaço é visto como desconfortável na convivência com outros idosos e as atividades não favorecem o convívio social, um discurso do isolamento e de um sentimento de abandono. Os autores afirmam que a alternativa mais viável à institucionalização é a convivência familiar, mesmo que parcial.

A aceitação das práticas na instituição, segundo as informações analisadas, reafirmam os discursos sobre os idosos de uma realidade permanente e de uma condição imutável, em vista de um lugar idealizado da família deixada fora do espaço institucional.

8 Considerações finais

A perda do controle da rotina é um dos aspectos que retira do idoso sua condição de autonomia para a tomada de suas decisões, fator prevalente nos discursos encontrados nas publicações. Considerando o conteúdo político, nem sempre explicitado, que se apresenta através dos discursos sobre os idosos, na medida em que ele for objeto de estudo, a análise do discurso oportuniza esta discussão.

Nas publicações, a falta de atividades que proporcionem laços de ligação entre os idosos com a cultura, importantes para que ele possa exercer sua cidadania, na relação de estar no mundo e de sua identidade, indicam que a vida cotidiana na ILPI é homogeneizada não só pelo lugar-comum de vida de um coletivo, mas pela mesmice das atividades e práticas ordenadas por um regulamento ou um planejamento burocrático ou técnico, com uma padronização do modo de vida (BOSI, 2004).

Persiste a presença da ideologia do conformismo, da representação do idoso na sociedade nos aspectos subjetivos inerentes à prática discursiva que

paradoxalmente acolhe e alija o idoso da sociedade. Inicialmente os idosos almejam o vínculo, mesmo que não pretendam permanecer na ILPI.

Portanto, estes fatores acabam por favorecer a entrada do idoso na ILPI e marcam a sociedade por uma visão negativa desta etapa de vida associada a estereótipos. Para estabelecer a relação da ILPI para com o território se torna então necessário compreender os dispositivos de poder na relação deste lugar e promover o vínculo do idoso com o lugar, não o lugar idealizado da família de origem.

Os inúmeros problemas que afetam a qualidade de vida dos idosos em um país como o Brasil demandam respostas urgentes e esforços políticos para este segmento populacional.

THE INSTITUTIONALIZATION PROCESS OF THE ELDERLY AND THE TERRITORIALITIES: SPACE AS EMPLACEMENT?

abstract

Aging, in a country like Brazil, shows great complexity and is considered a problem of social order. The demand for long-term care institutions for the elderly, given the demographic and social perspective, is increasing and represents a new alternative housing for the elderly. This qualitative study aimed to understand the discourse of institutionalization of the elderly and the existence of practices that favor the bond with the place and routine care in this environment, proposing making the analysis of discourses on the elderly and the notion of representation. This is a literature review based on selected national publications in journals, books and dissertations indexed on the Internet, accessed in databases: Lilacs, SciELO and Google Scholar, a time frame of eleven years (1999-2010), through the words key combination: elderly, institutionalization, Long Term Care Institution for the Elderly and speech on the elderly. As inclusion criteria, seven publications were analyzed through content analysis (Bardin, 1979) and discussed in two categories: speaking about the choice of institutionalization and the existence of practical discourses on the elderly show that the institutional affiliation. Data indicate that the discourse on the institutionalized elderly needs indicate a link with the institution, but this institutional environment, structured by

power relations may favor the loss of autonomy and identity and isolation. It becomes necessary, therefore, a political effort directed toward putting on the company agenda, the needs of this population segment.

keywords

Elderly. Institutionalization. Identity. Discourse. Discourse Analysis.

referências

ANDRADE, Oséias Guimarães. Representações Sociais de Saúde e de Doença na Velhice. *Acta Scientiarum Health Sciences*, Maringá, v. 25, n. 2, p. 207-213, out. 2003.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BESSA, Maria Eliana Peixoto; SILVA, Maria Josefina da. Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso. *Texto Contexto - Enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 258-265, abr./jun. 2008.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BREDEMEIER, Sônia Mercedes Lenhard; SILVA, Elenir da. O Velho cuidador e suas percepções sobre a velhice. *Perspectiva Latino-Americana*, Brasil, p. 1-10, 2. semestre 1999. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000082.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

CAMARANO, Ana Amélia. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007. p. 169-191.

CHAIMOWICZ, Flávio; GRECO, Dirceu Bartolomeu. Dinâmica da institucionalização de idosos em Belo Horizonte, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 33, n. 5, p. 454-460, out. 1999.

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 182-186, set./dez. 2008.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39-56, jun. 1997.

DUTRA, Isabel Cristina Bezerra et al. Impacto da experiência com idoso institucionalizado na formação acadêmica em fisioterapia. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 11., 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009. p. 1-8.

FALEIROS, Vicente de Paula; MORANO, Tereza. Cotidiano e relações de poder numa instituição de longa permanência para pessoas idosas. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 319-338, jul./dez. 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GALERY, Augusto Dutra. São os idosos sujeitos? Análise do Discurso dos sites de clínicas de repouso para idosos. *Portal do Envelhecimento*. 2008. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12933291/sao-os-idosos-sujeitos-portal-do-envelhecimento>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOMES, Daniela Jaquinta; CAMARGO, Pamela Martins; BORGES, Camila Dellatorre. *A vivência de idosos no contexto asilar*: Pesquisa de campo em Psicologia Social. Ribeirão Preto: Instituto de Ciências Humanas - Universidade Paulista, 2008.

GUEDES, Ana Carolina Bastos; GAMA, Carolina Rebêlo; TIUSSI, Adriani Cristini Rosa. Avaliação nutricional subjetiva do idoso: Avaliação Subjetiva Global (ASG) versus Mini Avaliação Nutricional. *Comunicação em Ciências da Saúde*, Brasília, v. 19, n. 4, p. 375-384, out./dez. 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LINDERN, Daniele et al. Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FACULDADE DE PSICOLOGIA, PUCRS, 11., 2010, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 1751-1753.

LYSARDO-DIAS, Dylia. A construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. In: MACHADO-BORGES, Thaís (Ed.). *Going beyond Limits? Media and Transgression – Brazilian Cases*. *Stockholm Review of Latin American Studies*, Estocolmo, n. 2, 2007, p. 25-35. Disponível em: <http://www.lai.su.se/polopoly_fs/1.135154.1368786310!/menu/standard/file/SROLAS_No2_2007.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2014.

MAGALHÃES, Célia Maria. Percursos das abordagens discursivas associadas à Linguística Sistêmica Funcional. In: VIEIRA, Josenia Antunes et al. *Olhares em análise de discurso crítica*. Brasília: Cepadic, 2009. p. 17-36.

MAIA, Gabriela Felten da; CASTRO, Gracielle Dotto; JORDÃO, Aline Bedin. Ampliando a clínica com idosos institucionalizados. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 193-210, mar. 2010.

MARTINS, Rafaela Lunardi et al. História Oral de Vida: Idosos em Instituição de Longa Permanência e suas Representações Sociais. In: ENCUENTRO NACIONAL Y III CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA ORAL DE LA REPÚBLICA ARGENTINA, 9., 2009, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2009. p. 1-19.

MAZZA, Márcia Maria Porto Rossetto; LEFÉVRE, Fernando. A instituição asilar segundo o cuidador familiar do idoso. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 68-77, set./dez. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MIRANDA, Francisco Arnoldo Nunes de et al. Representação social da sexualidade entre idosos institucionalizados. *UNOPAR Científica Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v. 7, n. 1, p. 27-34, out. 2005.

NERI, Anita Liberalesso. Qualidade de Vida na Velhice. In: DELITTI, Maly (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental*. v. 2. São Paulo: ArBytes, 1997. p. 34-40.

PAULA, Rouseane da Silva. A Construção Identitária da Pessoa Idosa. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, v. 3, n. 3, p. 111-117, jan./jun. 2008.

PAVAN, Fábio José; MENEGHEL, Stela Nazareth; JUNGES, José Roque. Mulheres idosas enfrentando a institucionalização. *Cademo Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, p. 2187-2190, set. 2008.

PESTANA, Luana Cardoso; ESPÍRITO SANTO, Fátima Helena do. As engrenagens da saúde na terceira idade: um estudo com idosos asilados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 268-275, jun. 2008.

PROCHNAU, Natiele; PASTÓRIO, Walmir Francisco. A Auto-estima em Idosos Institucionalizados. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 14., 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Abrapso, 2007. p. 1-10.

QUEIROZ, Gleicimara Araújo. *Qualidade de vida em instituições de longa permanência para idosos: considerações a partir de um modelo alternativo de assistência*. 2010. 140 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2010.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antônio. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. *Revista Ágora*, Vitória, n. 4, p. 1-29, 2006.

SCHMITT, Jaqueline Aparecida Martins Zarbato. Histórias e publicações sobre a velhice no Brasil. *Revista Científica Plural*, Tubarão, p. 1-10, 2005.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. Asilo para idosos: o lugar da face rejeitada. *Trilhas*, Belém, v. 4, n. 1, p. 77-86, set. 2003.

ZAIDAN, Geralda Maria de Carvalho. A Memória marca os limites do universo das representações da temporalidade. *Web revista Página de debates: questões de linguística e linguagem*, Nova Andradina, n. 11, p. 1-13, nov. 2009.

Recebido: 08/10/2012
Aceite Final: 15/04/2013